

João Pedro Vala

Campo Pequeno



DURANTE UMA SEMANA, o Heitor mal conseguiu pregar olho. Normalmente, o ritual repetia-se: acabado o jantar, metia a loiça na máquina e dava um jeito na cozinha. Só depois, por uma mania que nunca hei-de entender, pegava numa peça de fruta e ia comê-la em frente à televisão. Já a Laura, lia a um canto do sofá e, passado um tempo, bem depois de o Heitor se ter levantado para ir deitar no lixo um pauzinho e dois ou três caroços, começava a pintar a um canto da sala, entre Novembro e Fevereiro, ou a tricotar, encostada a ele, nos meses mais quentes.

A Laura gostava de pintar paisagens de memória: portos de cidades que tinham visitado juntos, igrejas no Norte parecidas com a da terra dos avós, casas alentejanas onde nunca entrara.

Não me levem a mal, mas eu sobre a Laura não sei tanto como sei sobre o Heitor. Ainda assim, se me permitem, acho que ela escolhia esses cenários pelo mesmo motivo por que

tricotava quando fazia calor. Por um lado, a sua timidez impedia-a de optar por serões mais aventureiros, que a manchassem de tinta e a encaminhassem por estradas solitárias, onde só um corpo, bem apertadinho, pudesse passar. Não se arriscava pelo abstraccionismo nem pela representação de cenas muito compostas, por ter uma noção exacta da robustez da sua arte e da capacidade que tinha para se abstrair de si mesma e captar o mundo numa cena sem contradições, ou pelo menos apenas com aquelas que fosse capaz de domar. Por outro lado, recusaria usar uma fotografia como inspiração ou uma memória demasiado viva da cena a retratar. Teria vergonha de fazer daqueles serões um mero papaguear que ficaria a dever às fotografias que tirara ou que vira numa qualquer revista de viagens. Saber o peso e a medida dos seus méritos implicava também não se rebaixar a esse ponto. Para além disso, não queria ser tida por uma simples dona de casa entediada que gostava de pintar uns quadritos.

Talvez por isso nunca deixasse o Heitor afixá-los em casa, excepto o do porto de Marselha, que ela própria pendurara sobre a cama dos dois sem lhe perguntar fosse o que fosse. Um dia, o Heitor chegou a casa, foi ao quarto mudar de roupa para se pôr mais confortável e viu-o lá. Enquanto passava a gravata por cima da cabeça, olhou-o de perto e riu-se ao ver que a Laura o desenhara, em ponto minúsculo, a passear sozinho no sul de França com aquele casaco aos quadrados que ela lhe oferecera nos anos, junto a uma casinha de Caxias que a Laura teimou em transladar para Marselha, sabe Deus porquê. Ainda antes de acabar de se vestir, já sem

cinto e a desabotoar a camisa, o Heitor foi até à sala e disse-lhe que tinha gostado muito da surpresa. Ela estava deitada a ler no sofá com a *Amália* ao colo e, iluminada pelo sol poente que lhe transformava as pernas nuas em sombras, fez uma careta a imitar na perfeição a cena que ambos adoravam no princípio do primeiro filme d'*O Padrinho* em que, no dia do casamento da filha, o Don Corleone, antes de conceder um favor a um italiano careca, passa ao de leve o anelar, com a mão voltada do avesso, pela ponta do bigode, depois olha altivamente para o pobre coitado e começa a dar festas a um gato que não o sabe mafioso.

O Heitor sorriu, cantarolou *Más-troianniii* e regressou ao quarto.

Os quadros da Laura tinham um lado cómico que a divertia a ela e ainda mais ao Heitor. Por um lado, havia neles uma precisão e uma naturalidade impressionantes para quadros feitos daquela maneira bizarra. Por outro, tinham o charme de serem pintados por alguém que se estava bem nas tintas para como era o porto de Marselha, que aliás vira só uma vez, muito ao longe e aonde, a julgar pela forma como o retratara, não tinha interesse nenhum em regressar. Só se deduzia que fosse Marselha pelo tamanho do porto, pela elegância dos barcos e, principalmente, pela quantidade astronómica de bonequinhos que passeavam para cá e para lá com baguetes debaixo do braço e uma boina na cabeça.

Era também assim que tricotava. Não passaria pela cabeça de ninguém a Laura tricotar durante o Inverno. Talvez tenha passado pela vossa, mas isso é por ainda não conhecerem

a Laura e estarem, para já, prontos a ver nela a projecção das pessoas que vocês conhecem que tricotam durante o Inverno. Só que (e juro que não digo isto para ofender as pessoas que vocês conhecem, que eu nem sei quem são e que, só de vos ouvir falar, até parecem gente de bem) as pessoas que vocês conhecem não são a Laura. Não passaria pela cabeça de ninguém a Laura pôr-se a tricotar por estar frio, para fazer agasalhos. Entre as suas criações e a utilidade prática, a rebelião pacata da Laura exigia, ao menos, uma distância de alguns meses. Claro que as mantas e os cachecóis dela acabavam, passado um tempo, por aquecer alguém (normalmente a Laura ou o Heitor, às vezes a família da Laura; uma manta azul e vermelha, já nem sei porquê, até está cá por casa), mas não era por isso que ela os tecia. Tal como os quadros, não tinham nenhum fim, tanto que, muitas vezes, os fazia propositadamente assimétricos: mantas com três metros de comprido e meio metro de largura, cachecóis quadrados, rebordos de almofada grossos demais para qualquer cabeça ou rabo. E, tal como os quadros, não tinham rostos. Nunca eram casacos, coletes, gorros ou luvas. Por algum motivo, o que quer que a Laura fizesse era sempre largo demais, comprido demais, longe demais para que alguém coubesse lá dentro.

Enquanto a Laura se ocupava com estes afazeres, o Heitor via televisão, bebia um copo de vinho e ia conversando distraidamente com ela até chegar a hora de se deitarem. Muitas vezes, a conversa morna e sem assunto do sofá

tornava-se, ao chegarem à cama, numa discussão de questões inadiáveis e até pungentes da vida da Laura que, por algum motivo, só podia acontecer de luzes apagadas com o Heitor a combater o sono, a ponto de por vezes acordar com a Laura a perguntar-lhe se ele achava normal o que a Sofia lhe dissera no escritório. O Heitor dizia que não, claro que não, essa Sofia deve pensar que só ela é que tem problemas, e voltava a dormir. A Laura parecia acreditar que só de luzes apagadas podia falar a sério, mostrar o seu lado mais mesquinho e corriqueiro. O Heitor, pelo contrário, gostava de aproveitar o escuro e a noite para dormir.

Naquela semana, contudo, foi diferente. O Heitor ia adiando a hora de desligar o candeeiro da mesa-de-cabeceira, perguntava à Laura pela mãe ou pela chata da Sofia, mas a Laura respondia que estavam boas, obrigada. Dizia que a Laura andava estranha e insistia para que ela lhe contasse o que se passava, porque, para se sentir menos sozinho, projectava nela os seus problemas, as suas dúvidas, as suas distâncias, porque a estranheza do Heitor era contagiosa e porque ter uma vida a crescer dentro de nós a meio caminho entre, salvo erro, não fui confirmar, mas acho que entre o fígado e o intestino delgado é coisa para afectar uma pessoa. A Laura beijava-o e o corpo dela a virar-se para o outro lado soava ao Heitor como o barulho de uma porta que se fechava, apercebendo-se imediatamente de que a cabeça tornava a não encaixar na almofada. Estaria pronto para ser pai? Para ter um filho? Como é que se ia chamar? Heitor, como ele e como o pai do Heitor, o Heitor, numa longa linhagem a caminhar sabe-se lá para onde? Não, isso não. Mas então como?

Tomé, como a Laura queria? Mas, se fosse Tomé, as pessoas iam esperar coisas dele. Não há Tomés consultores. Não há Tomés advogados. Na verdade, quase não há Tomés. E se depois o pequeno Tomé quisesse ser só um Pedro, só um tipo no meio de outros tipos? Ia negar-lhe isso ou, pior, fazê-lo sentir que, ao agir como um simples Pedro, estava a trair a expectativa que em todos teria criado de que fosse um autêntico Tomé e não um desses Tomés de contrafacção que por aí se vêem, a passearem crianças pelos jardins, a trabalharem como agentes imobiliários, a servirem cocktails em bairros trendy? Um desses Tomés envergonhados do seu nome, para quem já seria mau demais ter de chegar ao fim do mês com dinheiro na conta para comprar dois bilhetes para o Zambujo, passar a Urbanismo e Transportes com pelo menos um doze ou planejar uma escapadinha romântica com a namorada pelo Gerês nos feriados de Junho sem que, por cima de tudo isso, tivesse de levar com a persistente e absurda expectativa de que um dia, enfim, se deixasse de manias e começasse a corresponder às expectativas de grandeza que imediatamente se geravam em todos aqueles que ouviam o seu nome, expectativas acerca das quais, aliás, estes Manéis no armário (cujo nome, afinal, não derivava de uma decisão consciente e serena dos pais, mas apenas de um padrinho abastado, de uma novela das nove, de um pedido expresso da irmã mais velha, que tinha um colega no jardim-escola chamado assim, no fundo, de um lamentável equívoco) não tinham culpa de ficar aquém.

Porque não César? Seria uma boa hipótese se não fosse também o nome daquele amigo do Gabriel que o Heitor,

por mais tolerante que tentasse ser, achava meio esquisito. Os nomes têm esta mania bizarra de se colarem às pessoas que os usam e depois não conseguimos distinguir a apreciação estética que fazemos da aglutinação de um determinado conjunto de sílabas das várias pessoas que também responderam por ela.

Talvez Filipe fosse uma boa opção, deixava-lhe espaço para ser quem quisesse e era até um nome bonito, para quem dê importância a essas coisas. Estava decidido, seria Filipe. Podia adormecer.

Mas, apesar de tudo, dar-lhe um nome forte poderia ajudar a abrir portas, achava o Heitor, talvez por causa do cansaço de uma semana passada em claro a pensar em coisas deste género.

A culpa também era minha. Quem me mandou deixá-lo neste estado, fazê-lo sentar-se no sofá, de pêra na mão, a ver a SIC Notícias, enquanto a Laura tricotava mais uma manta amarela? Quem me mandou fazê-los beber um copo a mais naquela noite, não importa se ambos o negavam até à morte? Porque não o deixo dormir em paz? Já é tarde.

Fazê-lo foi fácil. Uma noite de distração, uma impressão vaga de que seria boa ideia, de que chegara a altura, de que não havia dúvidas e estava feito.

Quando era puto, nos domingos em que os avós os iam visitar, o Heitor e a mãe costumavam fazer um bolo. O Heitor

punha um chapéu de pasteleiro, partia dois ovos e passava um pouco de farinha pela testa. A mãe tratava do resto, untava a forma, batia as claras em castelo, preparava a massa, ligava o forno, fazia uma data de outros passos a que nem o Heitor nem eu prestávamos atenção. Passada uma hora, ao chegarem os avós, a mãe recebia-os de sorriso na cara e anunciava que o Heitor e ela desta vez tinham feito um bolo de laranja e cenoura. O Heitor e ela, ela e o Heitor, os dois. Era precisamente assim que se sentia: como se só tivesse partido dois ovos e agora fosse co-responsável por uma vida prestes a nascer.

Como nos acontece a todos, também com o Heitor estas ansiedades se iam embora pouco tempo depois sem ficarem resolvidas, porque entretanto começava a dar qualquer coisa de jeito no Canal Hollywood. Naqueles meses de espera, ganhou o hábito de, antes de ir para a cama, se sentar à janela a garantir que o mundo ficava quieto.

Quando percebeu que dali a poucas horas seria pai, ficou horrorizado. Quem julgava ele que era para achar que se deveria prolongar dessa maneira num espaço que excedia bastante o estritamente necessário? Queria acreditar que, depois de tudo isto acabar, ainda sobraria um pouco de Heitor por cá, numa espécie de oferenda tosca à humanidade?

Se calhar fora tudo um erro. Se calhar aquele porto de Marselha não tinha assim tanta graça. Se calhar a Laura não tinha assim tanta graça. Se calhar ele não queria que uma criança visse o lento degradar de uma relação outrora estável

e poupavam-no à culpa de sentir que fora o pobre Tomé, inadvertidamente, a trazer a desgraça. Se calhar deixava já a Laura livre para refazer a vida com alguém que pudesse ser um pai melhor do que ele, um amante melhor do que ele, alguém que a amasse mais do que ele. Se calhar estavam demasiado afastados e ele, por casmurrice, teimava em não ver os sinais que uma retrospectiva fria dos factos tornaria por demais evidente dali a uns meses. Procurava desta forma desesperada enganar-se, convencer-se de que o seu medo egoísta tinha razões objectivas, lisonjeiras e razoáveis.

Todas estas desculpas esfarrapadas desapareceram no segundo em que o Tomé nasceu, escoraçadas para um canto com a força da vida que vira irromper de dentro da Laura antes de desmaiar, bater com a cabeça contra o monitor cardíaco, cair e acordar segundos depois no meio do chão, do choro, de uma luz ofuscante apontada aos seus olhos e de uma poça de sangue que anunciava não a morte, mas a vida.

O Heitor gostaria que soubessem que ele não era nada dessas coisas. Com a pressa de levar a Laura para o hospital e com o cuidado de garantir que nada faltasse aos seus, de providenciar para a nova família, acabou por passar o dia inteiro com o pequeno-almoço no estômago e deu-lhe a fraqueza.

A LAURA NÃO TINHA PREOCUPAÇÕES DESTAS. No dia em que descobriu que estava grávida, deixou-se enervar, claro. Ficou atrapalhada com aquela mudança tão inesperada e não ligou logo ao Heitor. Foi à praia ver o mar, mas rapidamente o frio e o vento a convenceram de que ir à praia em Novembro era uma daquelas ideias mais agradáveis em teoria do que na prática. Aguentou cinco minutos, para não dar parte fraca, não fosse alguém estar a vê-la, e foi-se embora. Levantou-se, viu se não deixava nada caído na areia porque está mais do que sabido como as coisas são e voltou para casa, não sem antes ter massajado ao de leve a sua ideia de independência e sacudido aqueles grão-zinhos de uma dúvida vaga, cujos termos exactos não saberia dizer, mas que se agarram à roupa e teimam em não sair.

Até já concordara em ter filhos, mas não decidira ainda quando isso seria. A meio dessa conversa bizarra, o Heitor calou-se porque percebeu o que se estava a passar. A Laura não se queria impor aos ritmos da vida e, por isso, desejava que

o filho viesse quando viesse e não como consequência directa dos seus planos e ambições. Claro que, ao tomar a decisão de deixar tudo nas mãos do destino, tomara também a de engravidar. Ela sabia-o, mas tecera à volta dessa constatação um dos seus cachecóis quadrados, que assim se interpunha entre o frio mecanismo da lógica do mundo e a simples decisão de parar de tomar a pílula.

A Laura conhecia o Heitor suficientemente bem para calcular que ele estaria por essa altura à procura de uma desculpa para se ir embora e deixá-la sozinha com o Tomé, mas, em vez de ficar preocupada, comovia-se por intuir que, se o Heitor quisesse mesmo sair, não precisaria de desculpas, e que, se se demorava a concluir fosse o que fosse, não era por causa do Canal Hollywood nem do início do Roland Garros, mas por saber que podia passar a vida inteira a matutar no assunto sem encontrar aquilo que procurava e, à falta disso, a Laura era o substituto ideal: uma pessoa ao lado de quem custaria um pouco menos aguentar a enxurrada.

A Laura também tinha as suas dúvidas acerca de ser com o Heitor que ficaria o resto da vida ou de estar preparada para ser mãe, mas sabia que quem quer que governe este mundo nunca teria a decência de lhe dar as respostas a essas perguntas antes do tempo e, portanto, sentava-se sozinha a tecer e a destecer enquanto esperava a chegada do seu futuro.

O Heitor acha — e eu, em certa medida, tendo a concordar com ele — que esta é uma boa altura para vos dizer que a Laura anda nas montanhas-russas de olhos abertos. Tem um medo que se pela, mas sabe que, ainda assim, a partir do momento em que se senta nos carris e ouve o clique a informar que a barra de segurança foi trancada, se for para correr mal, já não há nada a fazer, já não está nas suas mãos. A Laura põe os braços no ar, não grita nem aperta a mão do Heitor. Tenta divertir-se com o espectáculo de horrores que o Grande Feirante de Ourém (era também assim que a Laura se referia a Deus) preparara para si, e no fim, quando desce dos carris, não sente um pico de adrenalina, não fala muito alto, não anda com um passo ligeiramente apressado, não tenta escolher a diversão seguinte. Sente apenas alívio por não ter sido ali que tudo deu para o torto. O Heitor quer ainda dizer-vos que, se isso é verdade, também é verdade que a Laura nunca entra numa montanha-russa sem o ter ao lado. Para a Laura, diz ele, a vida parece uma brincadeira de mau gosto. Mas calha bem, porque a Laura sempre gostou de brincar.

Isto que o Heitor acabou de dizer até pode ter um fundo de verdade, admito. Mas assenta muito mais numa mania quase patológica que ele tem de fazer efeito. O Heitor reparou neste pormenorzinho da Laura e achou que era adequado para a resumir de tal maneira que, em vez de vos dar uma descrição mais ou menos fidedigna dela, se descrevesse a si mesmo e à sua extraordinária capacidade de ver os outros.

Acontece que as teorias do Heitor acerca de pessoas têm a teimosa tendência de ser tão orelhudas quanto erradas. E, quando se trata da Laura, então, chega a ser espetacular a maneira como se engana. Não são os termos que estão errados, porque não estão. Não são as inferências feitas a partir desses mesmos termos, porque também elas têm toda a razão de ser. Mas as conclusões que retira acerca da Laura têm a destreza de um mágico que, até chegar a um milímetro da cara de uma criança, não tem absolutamente nada na mão, mas que, assim que roça a orelha do puto, saca, sabe-se lá de onde, uma moeda, um coelho, uma bola de Berlim. É verdade que a Laura anda nas montanhas-russas de olhos abertos, é verdade que isso diz coisas sobre ela e é verdade que desce das diversões como eu nunca vi ninguém descer. Tudo o que acontece entre isso e as conclusões a que o Heitor ainda há bocado chegou é apenas uma espalhafatosa ilusão. Em defesa do Heitor, não é a verdade das suas conclusões o que mais o preocupa.

No dia em que descobriu que estava grávida, a Laura deixou imediatamente de beber. Não me interpretem mal, ela não bebia por aí além, ainda que gostasse do seu copinho de branco ao jantar e de apanhar uma leve carraspana semanal. Nessas celebrações laicas em que ela e as amigas se excessavam apenas um pouco, numa tentativa frustrada de se fingirem universitárias desregradas, o que sobrava era sempre a noção clara de que nunca passariam os limites, de que tinham

avanzado uma ou duas casas no cinto que traziam à cintura, mas que, na manhã seguinte, o voltavam a ter preso no sítio do costume, agora com a barriga a dar menos folga. Sobrava ainda a certeza de que a rédea curta que lhes era imposta concedia semanalmente espaço para alongarem o pescoço e olharem para o lado, mas que esta suspensão da pena só provava a sua irrevogável condenação. Conseguiram apenas que os seus problemas pusessem na montra uma plaquinha de ventosas ressequidas a dizer «Volto Já», com as letras da Coca-Cola e um fiozinho com minúsculas bolas metálicas a servir de pendente. O passeio pelo pátio que davam nessas noites não lhes deixava nas narinas o cheiro das amendoeiras em flor, mas da tinta seca, ressequida e estalada num ou noutro sítio das paredes da solitária.

(Ditas assim, estas coisas ficam meio desadequadas. Calma. Nada disto era um drama. A Laura sentia apenas o suave prenúncio da ameaça, como quando regressamos a casa já de noite e vemos ao longe na sala uma sombra que não pertence ali, mas que é só uma cadeira com um casaco apoiado ou coisa que o valha. Uma cadeira que não costuma estar naquele lugar específico e que nós mudámos a meio da tarde para chegar melhor a uma estante e depois nos esquecemos de voltar a pôr no sítio. Era esta leve assombração, este brevíssimo terror imediatamente sobreposto, ridicularizado, aniquilado pelo tédio, que invadia a Laura aos sábados de manhã. Era só esperar um segundo até que, enfim, o ladrão, o assassino,

Deus, o violador, o fantasma, a outra, o monstro, a morte, o vazio, a vaidade, o ridículo, era só esperar um segundinho de nada até que tudo isso se transformasse num casaco de camurça pousado numa cadeira em meados de Março. Não se ouvia sequer um suspiro, um esgar nesses sábados de manhã. Antes de o terror se comunicar ao corpo da Laura provocando uma reacção, já tudo se dissipara, à velocidade a que a sala se ilumina em resposta a um ligeiro toque num interruptor.)

Nas manhãs de sábado, o Heitor acordava estremunhado, espreitando pela fresta a ver se era dia. A Laura não. A Laura acordava aos sábados como se fosse quarta-feira, mas um pouco mais tarde. A relação da Laura com a absoluta inconsequência das suas insurreições era ambígua. Por um lado, preferia acordar com o toque do despertador a vir do telemóvel e não das suas entranhas. Preferia não ter a cabeça a pesar-lhe ou ficar de mau humor. Por outro lado, tudo isso lhe servia de prova. Não bebera o suficiente, o corpo aguentava mais, dispensara outra vez o livre passe semanal que o carcereiro lhe dera. Talvez houvesse, no final de contas, uma liberdade a sério se ao menos tivesse a decência de beber só mais um copinho. Mas não era esse o problema e, quando eu sugiro isto, estou a fazer da Laura mais infantil do que ela é. Obviamente que, ao acordar, a Laura não lamentava os copos que não bebera ou a folga desperdiçada. Ela é bem mais inteligente do que isso. Ao acordar aos sábados de manhã, lamentava que também em tudo aquilo fosse

absolutamente coerente consigo mesma, quase como se não tivesse uma palavra a dizer acerca de uma personalidade que todos os questionários da Internet garantiam ser libertária. A sua vida, tão cosmopolita e desafiante vista ao longe, era ao perto composta de uma muito irritante articulação de aumentativos deflacionados. Tudo em seu redor eram leves carraspanas e pequenos delitos, cachecóis de Agosto e portos feitos de memória. A sua vida inteira (essa expressão que tanto a atemorizava) era uma quarta-feira começada uma hora mais tarde do que o costume, fosse lá isso o que fosse.

A Laura tinha pena de não ter ressacas por ter pena de também nisso não se misturar com os demais. Sentia-se sozinha por nunca ser capaz de responder MESMO, assim mesmo, com maiúsculas, às mensagens de outras pessoas no WhatsApp, de nunca subscrever por inteiro nenhum credo. Nem sequer um post no Facebook. Era como se até nas manhãs de sábado, quando as regras gerais que governam o mundo deveriam entrar em serviços mínimos, sentisse um privilégio qualquer que não conseguia deixar de ver como injusto.

Quando a Laura soube que estava grávida, reagiu com a naturalidade que procurava ter sempre na vida, para nem atirar à cara dos outros a sorte que tinha, nem parecer ingrata a propósito de um qualquer pequeno contratempo, como, por exemplo, a morte da avó. A Laura defendia-se do que lhe era dado como uma criança que, na véspera de Natal, rasgasse o embrulho que tapava uma bicicleta na cara de um amigo pobre, o que fazia com que muitas vezes a bicicleta

lhe soubesse a um baralho de cartas, a um livro da Anita ou a uma bola de futebol. A Laura sofria de um complexo de absoluta mediocridade que a fazia acreditar ter sempre mais do que merecia e que procurava contrariar em todas as pequenas coisas, em microagressões rebeldes a um destino que teimava em sorrir-lhe na cara. A Laura sabia que não, mas queria convencer-se de que aquele porto de Marselha servia de alguma coisa nesta guerra sem quartel contra o sítio de onde vinha. Quando se recusava a desejar coisas, era em parte por esse tal complexo de absoluta mediocridade, mas em grande parte por medo de dar trunfos à besta na selva que andava há não sei quanto tempo a recolher informações para, depois, quando ela já não contasse com isso, lhe destruir, lá está, a vida inteira.

A somar ao que já disse, a Laura tinha ainda um medo sereno, por temer que, de alguma maneira bizarra, como já tentei explicar, isto pudesse fazer parte de um grande plano para a tramar. Se durante anos praticamente ninguém à sua volta morria, poderia muito bem ser por se estarem a preparar para daí a uns tempos se meterem todos sem ela num avião que decidisse a meio caminho, como quem não quer a coisa, dar umas braçadas no fundo do Pacífico. Talvez só estivessem à espera do Tomé para embarcar.

Isto para dizer que, quando a Laura soube que ia ser mãe, deixou logo de beber, o que a irritou profundamente. A Laura desprezava a sua herança, que via como um capote revestido a lingotes de ouro numa tarde amena de Outono. Para além destas coisas todas, a Laura reagia à felicidade com um certo

asco, como se fosse coisa non grata na sua vida. Portanto, irritou-a deixar de beber ao saber-se grávida porque era como se se agrilhoasse imediatamente ao filho, como se soubesse desde essa altura que a sua liberdade não passava de uma ilusão infantil, agora que tinha ao seu lado (quer dizer, para já à sua frente, numa espécie de sombra geometricamente absurda que a seguia para toda a parte) o Tomé, a prendê-la a todo o lado, a ela, ao Tomé e, raios partam, ao Heitor. Como se assim já não estivesse só, como se através da abstinência se tornasse dependente. Como se a vida deixasse de ser uma odisseia feita sozinha e sobreviver implicasse agora pedir ajuda e reconhecer o erro de se achar auto-suficiente.

Para além de tudo isso havia ainda, prometo, uma última coisa. A Laura escolhia viver em ponto-morto mas temia que, por volta dos quarenta anos, a sua vida se parecesse com o terceiro lugar numa partida do Monopólio.

No Monopólio, se jogado a quatro, a coisa dá sempre no mesmo. Passadas três voltas, já sabemos o que vai acontecer. Dois jogadores vão disputar raivosamente a partida até ao fim, um vai ficar sem nada no máximo em meia hora e outro vai dar consigo com quatro ou cinco terrenozinhos dispersos e, com sorte, com a Companhia das Águas. Depois disso, vemos o quarto a partir cedo demais, sem deixar grandes saudades, e vemos, impotentes, os outros dois a disputarem a vitória. Depois disso, já é tarde demais para emendarmos a mão e estamos dentro demais para desistir, de maneira que só nos resta ver a falência chegar lentamente, arrependidos de nem termos comprado a Rua do Ouro nem nos termos

dedicado a outra coisa qualquer numa tarde tão bonita como aquela. A Laura tinha medo de acordar um dia sem hipótese de emendar a mão e de saber só lhe restar uma espera aborrecida pelo fim (ainda que a Mafalda lhe jurasse que não, que na nossa geração a questão nem se punha, que qual é o mal de uma mulher de sessenta anos recomeçar a vida, adoptar uma criança, dedicar-se ao parapente, dar uma volta ao mundo, diz-me lá qual é o mal que isso tem, Laurinha. No entanto, a Laura, casmurra como era, continuava convencidíssima de que também a Lourdes Norberto fora nova). Receava acordar um dia com a certeza de que não deveria ter investido numa família, ou pelo menos não naquela. Perder completamente, achava a Laura, seria bem melhor do que ficar em terceiro, não por ver os outros triunfar, mas por ficar forçada a esperar pacientemente uma derrota certa há demasiado tempo. O pior de tudo era saber que não jogar nem sequer era uma hipótese.

Se ao menos pudesse trocar a vida inteira por uma sesta.

Era assim que estava a Laura até ao dia em que o Tomé nasceu.